

# As linhas e as entrelinhas da poética de Antónia del Río

*The lines and between the lines  
of the poetics of Antónia del Río*

CLAUDIA VICARI ZANATTA\* & MÁRCIA BRAGA\*\*

Artigo completo submetido a 04 de janeiro de 2018 e aprovado a 17 janeiro 2018

\*Brasil, artista visual e professora.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. R. Sr. dos Passos, 248, Centro, Porto Alegre, RS, 90020-180, Brasil. E-mail: claudiazanatta@ufrgs.br

\*\*Brasil Artista visual, arquiteta.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. R. Sr. dos Passos, 248 — Centro, Porto Alegre — RS, 90020-180, Brasil. E-mail: bragamarcia@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo trata a respeito de duas instalações participativas de Antónia del Río, artista espanhola que desenvolve uma poética relacionada ao arquivamento, apagamento e à memória. A partir de duas instalações realizadas pela artista, reflete-se sobre a importância da noção de biblioteca e arquivo como construção do espaço do comum, da preservação e de memória.

**Palavras chave:** Antónia del Río / acervos impressos / expurgos / arte contemporânea / memória.

**Abstract:** *This article is about two participatory installations of Antónia del Río, a Spanish artist who develops a poetics related to archiving, erasure and memory. From two installations performed by the artist, start to think about the importance of the concept of library and archive as building the common space, preservation and memory.*

**Keywords:** *Antónia del Río / printed collections / purges / contemporary art, memory.*

## Introdução

O conhecimento e as narrativas compiladas e geradas sob forma escrita durante séculos pareceram caber nas bibliotecas. Tais repositórios sempre tiveram a função de abrigar e disponibilizar escritos considerados significativos pela humanidade. As bibliotecas, sendo ao mesmo tempo produto e manutenção de muitos saberes, tinham a função de perpetuar, difundir, preservar e recriar cultura por meio da catalogação e do arquivamento, principalmente, de materiais referentes à palavra grafada.

Durante séculos, ocidente e oriente acalentaram o sonho de uma biblioteca que pudesse conter o saber produzido pelas civilizações. Não faltaram exemplos, ao longo da história, de iniciativas para construção da biblioteca completa (biblioteca de Assurbanípal, séc.VII a.C.; bib. de Alexandria, séc. IV a.C.; Casa da Sabedoria, do séc. IX ao séc. XII d.C. ou a bib. do Congresso dos EUA, séc. XIX d.C. até hoje); edifícios que albergariam no mínimo um exemplar de toda a produção escrita. Evidentemente, tais intentos se revelaram impossíveis de serem efetivados, mas o sonho perdurou. Na ficção, tal desejo foi reavivado por mais de um escritor. Exemplo famoso encontramos no conto *A Biblioteca de Babel*, de Jorge Luis Borges. Neste, Borges cria uma biblioteca infinita para abrigar os livros existentes e ainda por existir, ou seja, “todos os livros possíveis”, gerados a partir de todas as combinações permitidas pelo alfabeto. O autor descreve minuciosamente tal biblioteca, suas galerias infinitas para disposição dos livros, chamando-a de “o universo”:

*O universo (que outros chamam a Biblioteca) constitui-se de um número indefinido, e quicá infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados por varandas baixíssimas. De qualquer hexágono, veem-se os pisos inferiores e superiores: interminavelmente. A distribuição das galerias é invariável* (Borges, 1970:61-2).

Na contemporaneidade, a noção de biblioteca aparece muitas vezes confundida e, inclusive, substituída pela ideia de banco de dados, virtual. Cogitase que com o surgimento da tecnologia digital o tão sonhado ideal da biblioteca completa se concretize na imaterialidade de dados que não ocupam mais espaço físico, mas, sim, o infinito ciberespaço. Nesse sentido, foi iniciado, em 1971, o Projeto Gutenberg para digitalizar e distribuir gratuitamente livros eletrônicos. Pensar em uma biblioteca feita de livros impressos no século XXI, requerendo um espaço físico, é considerado, por muitos como algo anacrônico. Frequentemente, perguntas recaem sobre qual seria o sentido de se manter bibliotecas físicas em um tempo de imaterialidades no qual os dados e as informações nos parecem a

cada dia mais excessivos ao multiplicarem-se exponencialmente. Tais locais repletos de livros impressos, para alguns seriam uma presença quase obsoleta.

Alberto Manguel, em seu livro *A Biblioteca à Noite*, relata casos nos quais bibliotecas sofreram perdas em seu acervo devido à falta de espaço físico. Um deles refere-se à eliminação de exemplares na biblioteca de San Francisco:

*Para compensar o planejamento deficiente da nova biblioteca de San Francisco, para o qual o arquiteto não previra prateleiras em quantidade suficiente, os administradores retiraram centenas de milhares de livros do acervo da biblioteca e os mandaram para um depósito de lixo. Uma vez que os livros eram selecionados para destruição segundo o critério do tempo decorrido sem que fossem requisitados, bibliotecários heróicos introduziram-se à noite no acervo para salvar o maior número possível de livros, carimbando os volumes ameaçados com datas de empréstimo falsificadas (Manguel, 2006:68).*

As análises e relatos de Manguel na referida obra são importantes referências para a artista espanhola Antonia del Río. Segundo a artista, em sua produção, “uma das principais fontes de alimentação é encontrada nos livros (ensaio e literatura). A relação com a leitura é muito importante em meu processo de criação” (del Río, 2017). Desde o início dos anos 2000, a artista vem desenvolvendo uma poética que, sob muitos aspectos, centra-se nos mecanismos de transmissão, perda e eliminação do conhecimento, tensionando a relação sempre complexa entre memória e esquecimento. Um dos enfoques da artista ao tratar tais temas gerou proposições que envolveram bibliotecas e subtração de acervos de materiais impressos.

As reflexões sobre as quais esse artigo se detém tem seu ponto de ancoragem em obras de Antónia del Río que abordam a temática do destino de materiais descartados de acervos gráficos: as instalações desenvolvidas nos anos 2011 e 2014, intituladas respectivamente “Expurgo#1” e “Expurgo#3”.

### **1. Instalações Expurgo#1 e Expurgo#3**

O tema do apagamento e da conservação da memória nas propostas de del Río são representados por livros, catálogos de exposições e outros materiais impressos retirados de circulação. Segundo a artista, o descarte em acervos ocorre, de modo geral, sob a alegação da existência de um excesso de materiais frequentemente em mau estado de conservação, sem valor e que não são consultados há muito tempo ou mesmo são eliminados por questões de espaço físico (del Río, 2015). A indagação que permeia as instalações da artista é tanto sobre a pertinência dos critérios utilizados para que um material seja descartado quanto sobre quem tem o poder para determinar tal retirada dos acervos.

Antónia del Río enfoca em “Expurgo#1” e “Expurgo#3” os acervos materiais de livros e outras produ es gráficas de dois repositórios públicos — a biblioteca Manuel Arranz e o Centro de Artes Santa Monica —, ambos em Barcelona. Que fragmento, documento, registro impresso pode ser considerado memorável para ser preservado e colocado em circula o   o que essas obras v o questionar. Mais ainda: a artista volta sua aten o aos livros e materiais gráficos expurgados (retirados) do catálogo das duas institui es durante determinado período.

## 2. Expurgo#1

Em “Expurgo#1”, o apagamento   representado pelos livros que são retirados de circula o e desaparecem do catálogo da biblioteca Manuel Arranz.

A partir da coleta de livros que eram descartados durante o processo de gerenciamento da cole o da biblioteca Manuel Arranz, a artista propôs a constru o de uma nova biblioteca, desta vez, conceitual e ef mera (Figura 1).

Os livros recolhidos pela artista receberam uma interven o a partir de um carimbo na primeira página com o nome do projeto. Devidamente identificados, eles foram reinseridos no espaço da biblioteca, seguindo o sistema de cataloga o do acervo regular, fazendo com que os livros excluídos se mimetizassem com a cole o da biblioteca Manuel Arranz (Figura 2).

De forma paralela, em uma galeria, as fichas catalográficas dos livros retirados de circula o foram impressas e fixadas nas paredes do espaço de arte (Figura 3). A proposta tratava, portanto, de estabelecer um diálogo entre dois espaços: a biblioteca Manuel Arranz e a galeria de arte.   medida que os livros expurgados eram retirados da biblioteca Manuel Arranz pelos leitores por meio do processo convencional de empréstimo, suas fichas iam desaparecendo das paredes da galeria e acabavam sendo guardadas em um pequeno arquivo.

## 3. Expurgo#3

Na proposta “Expurgo#3”, a artista volta a trabalhar as questões abordadas em Expurgo#1 a partir dos procedimentos de retirada de circula o de materiais impressos, porém em um contexto distinto: o Centro de Artes Santa Monica. Do depósito desta institui o pública, del Río resgatou uma quantidade importante de materiais descartados: catálogos, livros de artistas e outros impressos (Figura 4).

A artista repetiu o procedimento realizado em Expurgo#1 catalogando o material recolhido, o qual deu origem a uma grande lista que foi inserida no meio dos impressos colocados   disposi o no centro de arte. Todos os impressos receberam ainda um ex-libris ao serem deslocados deste lugar de esquecimento e



**Figura 1** · del Río, *Expurgo #1*, 2011-2012. Livros expurgados. Biblioteca Manuel Arranz. Barcelona, 2011. Fonte: site da artista — <http://antoniadelrio.com/en>

**Figura 2** · del Río, *Expurgo #1*, 2011-2012. Instalação. Detalhe — Livros carimbados. Biblioteca Manuel Arranz. Barcelona, 2011. Fonte: site da artista — <http://antoniadelrio.com/en>



**Figura 3** · del Río, *Expurgo #1*, 2011-2012. . Instalação. Cartolina impressa sobre parede e arquivador. Galeria de arte Can Felipa. Barcelona, 2011. Fonte: site da artista — <http://antoniadelrio.com/en>

semi-abandono (que é o depósito), para a sala de exposições do centro cultural (Figura 5). Os impressos foram distribuídos sobre pallets e disponibilizados ao público que podia consultá-los e, mediante uma justificativa escrita, levá-los para casa (Figura 6).

O projeto resgatou 4.950 publicações do expurgo do Centro de Artes. O público levou para casa 1.920 exemplares e o restante foi doado para uma instituição de cunho social.

No depósito do Centro de Artes, os materiais gráficos ficavam em estado de latência, sem que ninguém tivesse coragem de se desfazer deles. Estavam como que esperando que alguém colocasse novamente os olhos sobre eles e os fizessem dizer o sempre novo por meio da leitura. Em Expurgo#3, a artista, de certo modo, resgata materiais que haviam sido eliminados de arquivos. Jacques Derrida, ao escrever em seu livro *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*, aponta para a etimologia grega da palavra arquivo, pois ela abriga o arkhê, significando começo e comando e o arkhêion, indicando a residência dos magistrados superiores, os arcontes responsáveis por vigiar, conservar e interpretar os arquivos. Nas palavras de Derrida:

*Depositados sob a guarda dos arcontes, estes documentos diziam, de fato, a lei: eles evocavam a lei e convocavam à lei. Para serem assim guardados, na jurisdição desse dizer a lei eram necessários ao mesmo tempo um guardião e uma localização. Mesmo em sua guarda ou em sua tradição hermenêutica, os arquivos não podiam prescindir de suporte nem de residência (Derrida, 2001:13).*

Os arquivos, portanto, em sua origem, estão vinculados a um lugar de conservação, manutenção e de disseminação da lei por indivíduos reconhecidos como autoridades. Muitas vezes os arquivos tanto mostram como escondem documentos e ao invés de conservar, provocavam apagamentos históricos. Antónia del Río, ao recuperar arquivos descartados e disponibilizar acervos rejeitados, coloca em pauta a questão de quem decide o que preservar como memória fruto de informação a ser transmitida e partilhada. Além disso, põe luz sobre o que se considera adequado ou valioso preservar na contemporaneidade, sejam temas da arte ou assuntos de outros campos do conhecimento, os quais, muitas vezes, são preservados devido a normas burocráticas que se perdem no tempo e em relação às quais há pouco questionamento. Ao recuperar livros e impressos descartados e oferecê-los novamente à leitura, a artista transgride a noção de que tais documentos não têm valor, ocupando um lugar residual na história e ocasiona um ruído nas vozes consideradas capazes ou habilitadas a dizer o que deve ser preservado e disseminado.



**Figura 4** - Livros expurgados no depósito do Centro Cultural Santa Monica. Barcelona, 2014. Fonte: site da artista — <http://antoniadelrio.com/en>

**Figura 5** - del Río, *Expurgo #3*, 2014. Instalação. Livros empilhados sobre pallets. Centro Cultural Santa Monica. Barcelona, 2014. Fonte: site da artista — <http://antoniadelrio.com/en>

**Figura 6** - del Río, *Expurgo #3*, 2014. Instalação. Detalhe- mesa, caderno e caneta. Centro Cultural Santa Monica Barcelona, 2014. Fonte: site da artista — <http://antoniadelrio.com/en>

O que “Expurgo#1” e “Expurgo#3” propõe são dois lugares: um lugar físico e um lugar de relação. O lugar físico da presença material dos livros e impressos que voltam a ser disponibilizados e o lugar de relação estabelecido pela necessidade da ativação de um potencial leitor. São os leitores que dão vida aos projetos de del Río. Ao acessarem os materiais disponibilizados, o público participante faz novamente circular saberes esquecidos e lança novos olhares sobre o que aparentemente não possuía mais significado digno de ser acessado.

*No meu trabalho são habituais as instalações onde entram em jogo vários dispositivos que muitas vezes o público ativa, seja a través de uma ação específica solicitada, uma troca ... ou a través da própria experiência sobre um acontecimento concreto (del Río, 2017).*

### Conclusão

Poder-se-ia indicar que “Expurgo#1” e “Expurgo#3” tratam da necessidade da presença. Da presença dos expulsados, dos que foram retirados de um sistema e levados para a obscuridade dos que não possuem mais valor, do descarte do que não possui mais interesse. Ao mesmo tempo provocam que se pense sobre os poderes que decidem o que deve permanecer e ser transmitido e o que deve desaparecer ou ser ocultado.

É possível entrar nos acervos de del Río, deter o olhar, suspender o peso de um papel, de um livro, sentir seu cheiro ao abri-lo, tocar sua capa, folhear as páginas uma após a outra em um gesto quase artesanal e obsoleto nessa era de desmaterialização.

Os acervos que del Río resgata — e não seria isso o que todas as bibliotecas físicas com seus volumes muitas vezes cobertos com finas e quase imperceptíveis camadas de pó propõem? — são uma resistência contra o desaparecimento. Ou, como diria Borges:

*Talvez a velhice e o medo enganem-me, mas suspeito que a espécie humana — a única — está por extinguir-se e que a Biblioteca permanecerá: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta. (Borges, 1970:69).*

### Referências

- Borges, Jorge Luis (1970) *Ficções*. Porto Alegre: Editora Globo.
- Del Río, Antonia. Site da artista. [Consult. 2017-10-20]. Disponível em URL: <http://antoniadelrio.com/es/statment/>
- Derrida, Jacques (2001) *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. ISBN 85- 7316-247-3.
- Gutenberg Project (2017). Site do projeto. [Consult. 2017-09-15]. Disponível em URL: <https://www.gutenberg.org>
- Manguel, Alberto (2006) *A biblioteca à noite*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras. ISBN 978-85-359-0881-7.